

Viva a pornunça!

A inacreditável alternativa para a pecuária no semiárido.

“Com pouco mais de 200 milhões de habitantes, o Brasil hoje produz alimento suficiente para as necessidades de 900 milhões de pessoas, que equivalem a 11% da população global”¹.

Esses dados mostram a grandeza de nossa agricultura tropical², criada e desenvolvida pela EMBRAPA a partir de 1974, mãe do poderoso agronegócio brasileiro, orgulho nacional, que transformou o país no maior exportador mundial de alimentos³. Antes de 1974 importávamos um terço de nossa alimentação.

Contrastando com esse quadro de sucesso, o semiárido brasileiro, que ocupa 982 mil quilômetros quadrados, ainda padece com a escassez das chuvas cuja intensidade varia de 250mm a 750mm por ano, concentradas em 120⁴ dias de precipitação. Ainda domina a região essa violência climática que destrói as pastagens dizima o rebanho e inviabiliza o progresso da pecuária do Norte de Minas ao Piauí.

E, para completar esse quadro, nossos centros de pesquisa agrária já cometeram todos os erros possíveis não dispondo ainda de uma solução técnica definitiva que possa viabilizar a bovinocultura no agreste.

¹ Avaliação feita pela FAO – Food and Agriculture Organization, órgão da ONU cuja finalidade é erradicar a fome no Planeta.

² A agricultura tropical foi inventada e desenvolvida no Brasil pela EMBRAPA a partir de 1974. A agricultura de região temperada, ensinada nas faculdades do mundo inteiro não funciona nos trópicos.

³ O Brasil deve esse milagre a um Presidente estrategista, Gen. Ernesto Geisel, e a um Ministro da Agricultura, Alisson Paulinelli, agrônomo, que se transformou em nosso maior herói ao resolver uma dificuldade de dimensão continental.

⁴ Em Taperoá-PB a precipitação média anual desde 1910 é 599mm. A chuva cai em 42 dias (informação em vídeo de Dr Manelito Dantas Vilar, da fazenda Carnauba).

- Onde erramos? Que erro cometemos?

Temos insistido nas tecnologias que foram implantadas com sucesso no Sudeste e no Centroeste. Esse direcionamento já resultou em quatro décadas de insucesso. Mas, recentemente tem aparecido pesquisadores que decidiram agir de forma diferente e passaram a procurar plantas resistentes à seca ao invés buscarem gramíneas resistentes ao semiárido. Ao se limitarem à procura e ao desenvolvimento de gramíneas, nossos técnicos mergulharam em uma cegueira coletiva ao pensar que boi só come capim. Hoje, felizmente, a EMBRAPA abraçou a causa⁵.

- Mas, quem se lembrou da pornunça?

Felizmente, Deus sabe como, uma luz apareceu no fim do túnel: alguém ⁶se lembrou da pornunça, planta nativa do sertão. Outro descobriu a palma⁷, importada do deserto mexicano por Delmiro Gouveia⁸ no século XIX. Acrescente-se a esse cardápio tecnológico o capim *buffel aridus*, importado da África, que produz pouco, mas sobrevive à seca nordestina, servindo de complemento para pastejo. Pronto. Em rápidas palavras, temos aí uma poderosa solução. Acredito entretanto que ainda seremos surpreendidos por outros cardápios mais elaborados.

- Afinal, que é a pornunça?

A pornunça, pornúncia⁹ ou pornona é um tipo de mandioca que apareceu no Nordeste por cruzamento natural entre a mandioca (macaxeira ou aipim) e a maniçoba. Planta mestiça, criada no agreste e aclimatada como todo nordestino. Não é tóxica, é perene e cresce formando uma árvore. A parte arbórea é usada para alimentação de ruminantes.

⁵ Como a EMBRAPA é gigantesca, a empresa já instalou 12 campos de pesquisa no semiárido brasileiro: dois em Minas, dois na Bahia, um em Sergipe e outro em Alagoas, dois em Pernambuco, um na Paraíba, um no Rio Grande do Norte, um no Ceará, um no Piauí e um no Maranhão; e passou a pesquisar diferentes plantas ricas em proteína: cratília, leucena, gliricídia, moringa, mandioca (macaxeira) e pornunça; e diferentes variedades de palmas para suprir as necessidades de energia: miúda, mão-de-moça, orelha de elefante, redonda, gigante e orelha de onça; e continua pesquisando gramíneas tais como: andropogon, *buffell aridus*, massai e diferentes espécies de brachiária. Afinal, a pesquisa abrange uma área de quase um milhão de quilômetros quadrados.

⁶ O zootecnista Raimundo Reis, do Ceará, tem realizado um precioso trabalho de pesquisa usando plantas de diferentes espécies e divulgação via Internet no canal “Dica do Zootecnista”. Sobre a pornunça recomendo seus vídeos: 112, 139, 185 e 279 no You Tube. Ele também recomenda a palma, sobretudo a miúda, conhecida como palma doce: muito produtiva, mais nutritiva, com teor de matéria seca de 15% enquanto o normal seria 10%. O famoso agrônomo Paulo Suassuna pesquisa a palma há 30 anos. Segundo esse especialista, a máxima produtividade ao longo de sua carreira foi 713 toneladas/ha em 13 meses. Veja na Internet.

⁷ Manelito Dantas Vilar, fazenda Carnaúba, Taperoá-PB.

⁸ Delmiro Augusto da Cruz Gouveia (1863-1917), industrial cearense radicado em Alagoas. Pioneiro na produção de energia elétrica, no plantio e na industrialização do algodão. Trouxe a palma do deserto mexicano: a palma Gigante Mexicana para a produção do carmim, usado na tintura do algodão.

⁹ Para aqueles que quiserem comprar manivas, poderá encontrar fornecedores no Ceará (no canal do Raimundo Reis), no Mercado Livre e na Agropecuária Desafio, na Bahia, (77) 999741397.

A PORNUNÇA



Apresenta várias vantagens ao ser usada como forragem, desconsiderando a utilização das raízes.

1-Drástica redução do risco climático

A pornunça é uma planta perene, aclimatada, filha do agreste. Assim sendo, o risco climático é limitado ao momento do plantio. Planta-se uma vez e a poda é realizada a cada 90 dias (de 80 a 120 dias). Após a primeira poda, a planta perfilha de tal forma que passa a produzir muita rama. As raízes são verticais (mandiocas) muito profundas. Já vi tubérculos de 1,6m. Três características fazem com que resista à estiagem prolongada: é nativa do semiárido nordestino; tem raízes profundas; e a existência da própria raiz, o tubérculo, alimenta a planta na estação seca.

Esperamos que essa cultura permita dez anos de podas sucessivas. Mas, a pesquisa é recente e ainda não sabemos a duração econômica desse tipo de lavoura. Seguramente, para o semiárido, muito melhor do que a do sorgo, a do milho e melhor do que a lavoura de gramíneas.

2- Proteção do solo contra a degradação.

No semiárido devemos evitar que o solo fique exposto diretamente ao sol para que não se deteriore. Desta forma, devem ser cultivadas plantas que protejam permanentemente o solo eliminando o efeito prejudicial da excessiva exposição à luz solar. A pornunça

cumpra essa missão com muito mais eficiência do que o milho e o sorgo que não são culturas permanentes.

3- Ausência de toxidez podendo ser consumida pelos ruminantes *in natura* ou em forma de silagem.

4- Alto teor proteico a baixo custo.

A parte aérea da pornunça apresenta alto teor proteico, desde que seja colhida ainda verde. Para tal, deve ser plantada de forma adensada para que não solte galhos e para que permaneça com o caule verde, mesmo com altura de 1,9m. Neste caso seu teor proteico *in natura* seria de 25,6 %¹⁰ da matéria seca; e sua silagem¹¹ teria 15% de proteína bruta.

Ferreira, Alexandre Lima e outros: pornunça cultivada no campo experimental da EMBRAPA SEMIÁRIDO em 2005, com chuva anual de 374,8mm, e em 2006 com chuva de 400,8mm; a produção da pornunça foi 2,23 maior do que a da mandioca e 5,28 vezes a da maniçoba. O médio teor de proteína bruta da pornunça atingiu 25,6%, o da mandioca 27% e o da maniçoba 19% da matéria seca.

Belém, Voltolini e outros: “a silagem da pornunça apresentou 15,09% de proteína bruta.”

Caro leitor, vamos comparar? A silagem do milho e do sorgo mostram proteína bruta de 6,5% para o milho e de 5,5% para o sorgo.

- Vamos avaliar o custo aproximado dessa proteína? No Norte de Minas a silagem de milho tem sido comercializada a R\$400,00 a tonelada. Como ainda não temos pornunça, estamos usando o preço da silagem de milho para essa avaliação.

- dois kilos de silagem de pornunça contem 300 g de proteína bruta; o preço de mercado da silagem de milho seria R\$400,00¹² a tonelada; vale dizer, o valor da proteína bruta a partir da rama da pornunça seria: $(0,4 \times 2 / 0,3) = R\$2,67/\text{kg}$. A proteína da soja comprada no mercado local custa $(2,675 / 0,24) = R\$11,14 / \text{kg}$. Assim, a proteína comprada no mercado seria $11,14 / 2,67 = 4,17$ vezes mais cara. O baixo custo da proteína é a mais eloquente vantagem da pornunça.

Nenhuma gramínea permitiria uma silagem tão proteica, palatável e tão barata. O gado agradece.

¹⁰ Ferreira, Alexandre Lima e outros, da UFMG, VI Congresso Nordestino de Produção Animal, Revista Brasileira de Saúde, março 2009, p.129-136, Produção e Valor Nutritivo da Parte Aérea da Mandioca (ou macaxeira), da Maniçoba e da Pornunça, Tabelas 3 e 4, cultivadas no campo experimental da EMBRAPA SEMIÁRIDO em 2005 com chuva anual de 374,8mm e em 2006 com chuva de 400,8mm; a produção da pornunça foi 2,23 maior do que a da mandioca e 5,28 vezes mais do que a da maniçoba.

¹¹ Kaio Victor Justo Belem, Tadeu Vinhas Voltolini e outros, Congresso Nordestino de Produção Animal, Mossoró-RN, 2010. “Composição Bromatológica da Silagem da Pornunça com Diferentes Níveis de Erva-sal”. A silagem da pornunça, apresentou 15,09% de proteína bruta.

¹² No ano de 2024.

5- Colheita mecanizada

Esse adensamento na plantação permite a colheita mecanizada a cada 80-120 dias, usando o mesmo equipamento com o qual se colhe o milho e o sorgo.

6- Por fim, a pornunça é uma planta apícula mas nada sei sobre a qualidade do seu mel. Veja que não falamos sobre a utilização da raiz por não ser nosso objetivo.

Ao garantirmos as plantas que nos permitam vencer o efeito climático no semiárido estamos viabilizando a pecuária em 11,5% do território nacional. Nosso cardápio é a palma, que substitui o milho; a rama da pornunça que substitui a proteína da soja, que é importada de outras regiões e cerca de quatro vezes mais cara; e o *buffel aridus* para pastejo a campo.

Mãos à obra!

- Sucesso!

Com certeza, outras alternativas, outras soluções serão descobertas. O caminho é longo mas, seguro. Antevejo um semiárido produtivo com bovinos confinados ou leiteiros e com caprinos pastejando folhas como nas regiões desérticas do Oriente Médio¹³. Também vejo o pastejo de gramíneas no Centroeste, onde a soja permitir.

Fidencio Maciel em 28.04.2025.

¹³ Morei durante cinco anos no Iraque e no Iran. No deserto, em pastejo natural, encontramos o jumento, o camelo, caprinos e ovinos bem lanados. A lã protege contra o frio e contra o calor de 40-60 graus. A camela produz o leite, o queijo e a carne.